



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADE - CAMPUS III
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

MICHELLE THALYTA CAVALCANTE ALVES PEREIRA

**MATERNIDADE E REFLEXÕES SOBRE CORPO E REPRESENTAÇÃO
FEMININA EM *ROMANCE DE CORDÉLIA***

**GUARABIRA-PB
NOVEMBRO/2018**

MICHELLE THALYTA CAVALCANTE ALVES PEREIRA

**MATERNIDADE E REFLEXÕES SOBRE CORPO E REPRESENTAÇÃO
FEMININA EM ROMANCE DE CORDÉLIA**

Monografia apresentada como trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ao Curso Licenciatura Plena em Letras/Português, Departamento de Letras, Centro de Humanidade da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial ao grau de licenciada em Letras, sob a orientação da Professora Doutora Aldinida Medeiros.

GUARABIRA-PB
NOVEMBRO/2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure

P436m Pereira, Michelle Thalyta Cavalcante Alves.

Maternidade e reflexões sobre o corpo e representação feminina em romance de Cordélia [manuscrito] / Michelle Thalyta Cavalcante Alves Pereira. - 2018.

50 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Aldinida de Medeiros Souza , Departamento de Letras - CH."

1. Maternidade. 2. Corpo. 3. Personagens Femininas. 4. Romance de Cordélia. I. Título

21. ed. CDD 305.4

MICHELLE THALYTA CAVALCANTE ALVES PEREIRA

**MATERNIDADE E REFLEXÕES SOBRE CORPO E REPRESENTAÇÃO
FEMININA EM ROMANCE DE CORDÉLIA**

Monografia apresentada como trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ao Curso Licenciatura Plena em Letras/Português, Departamento de Letras, Centro de Humanidade da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção de Grau Licenciado em Letras.

Monografia aprovada em 30 de Novembro de 2018.

COMISSÃO EXAMINADORA

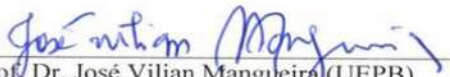


Prof.^a Dr.^a Aldinida Medeiros (UEPB) p/COORD. DO TCC
Orientadora



Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva (UEPB)
Examinador

P/Prof. Maraly



Prof. Dr. José Vilian Mangueira (UEPB)
Examinador

“Tudo posso naquele que me fortalece.” (Filipenses 4:13).
Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, minha força nos momentos difíceis; e ao meu pai Manuel Alves (*In Memoriam*), por essa grande conquista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus que sempre foi o autor da minha vida e do meu destino. O meu maior apoio nos momentos difíceis, que me ajudou em cada etapa desse trabalho e não me deixou fraquejar.

Ao meu pai, Manuel Alves (*in memoriam*), que partiu de uma forma tão repentina, mas continua sendo minha maior força e inspiração na vida. A cada conquista alcançada, sei que onde estiver, ele está muito feliz e orgulhoso da filha.

A minha mãe, Edileuza Cavalcante, pelo seu incondicional amor por mim, pela força e incentivo nos dias difíceis, e pelas inúmeras vezes que exercendo do modo mais dedicado e amoroso a sua maternidade, possibilitou-me, também, exercer de forma responsável e dedicada a minha.

A minha linda e pequena Clara Marine, minha filha e maior riqueza, que em meio à corrida jornada de minha etapa universitária, sempre me esperava. Ao chegar e ver seu sorriso, sua alegria, revigorava minhas forças e percebia que precisava continuar para poder proporcionar a ela um futuro melhor, e uma educação de qualidade. Clara você foi meu maior incentivo para a realização desse sonho.

Ao meu amado esposo Richardson, pelo imenso carinho e confiança, pela compreensão e apoio nos momentos difíceis.

À Professora Doutora Aldinida Medeiros, minha orientadora, pela confiança e por me ajudar a trilhar meu caminho para realização desse sonho. Seu grande comprometimento durante as orientações, conselhos, e até repreensões foi o que me possibilitaram chegar onde estou. Professora, não tenho palavras para agradecer o que fez por mim. As aulas de Literatura Portuguesa e a monitoria me fizeram perceber o quanto a Literatura é fascinante! Depois, o Pibic, com o incentivo para aprimorar mais meus conhecimentos sobre o mundo literário; e, também, seu estímulo para participação em congressos. Enfim, meu muito obrigada por tudo!

Ao inesquecível Quarteto (Alexsandra, Edianny, Fabiana e Eu), pelas tardes compartilhadas na UEPB, pelo estímulo, pela amizade. A vocês, meninas, que conquistaram um espaço especial no meu coração, também meu muito obrigada.

As minhas amigas e pesquisadoras do Grupo Interdisciplinar de Estudos Literários Lusófonos (GIELLus), Andréia e Jaqueline, eu deixo uma palavra de gratidão por todo apoio, carinho e inspiração.

E, por fim, agradeço a todos e todas que cooperaram para a concretização desse sonho e que, de maneira distante ou próxima, sempre permaneceram ao meu lado quando foi preciso.

*Que nada nos defina. Que nada nos sujeite.
Que a liberdade seja a nossa própria
substância.*

Simone de Beauvoir

RESUMO

O estudo ora apresentado é uma leitura do *Romance de Cordélia* (2008), da escritora portuguesa Rosa Lobato de Faria e tem por objetivo analisar a protagonista do respectivo romance, observando, especificamente, as relações maternas que envolve a protagonista do romance. Através de um viés feminino, examinaremos a protagonista segundo o conceito de corporalidade. Assim, justificamos esta pesquisa bibliográfica com a finalidade de abranger discussões sobre a história da maternidade e a condição da mulher em consequência do mito do amor materno versus a obrigação da maternidade. Diante disso, analisaremos o amor materno como um instinto, uma vocação feminina ou pelo simples fato de seguir os moldes impostos pela sociedade patriarcal, que impõe à mulher a submissão aos costumes de uma época. Diante destas discussões, é possível perceber a relação da maternidade, quanto à tipologia do corpo. Através da história ambientada no romance, compreendemos a necessidade de observar as questões da maternidade envolvendo o corpo, à vista disso, refletiremos a condição da personagem feminina Cordélia a partir de toda sua trajetória de vida que ressalta na subalternidade do seu corpo, e para finalizar a pesquisa abordaremos as relações maternas em torno da protagonista do romance. Para chegar aos resultados e discussões propostas, utilizamos como embasamento teórico as considerações de: Elisabeth Badinter (1985), Michelle Perrot (1998) (2008), Ana Luísa Amaral (2003), Elódia Xavier (2007) e Simone de Beauvoir (2016), dentre outros.

Palavras-chave: Maternidade. Corpo. Personagens Femininas. Romance de Cordélia.

RESUMEN

El estudio que aquí se presenta es una lectura del romance de Cordelia (2008), el escritor portugués Rosa Lobato de Faria y tiene como objetivo analizar el protagonista de su novela, observando en particular las relaciones maternas que implican el protagonista de la novela. A través de un sesgo femenino, examinaremos la protagonista según el concepto de corporalidad. Así, justificamos esta investigación bibliográfica con la finalidad de abarcar discusiones sobre la historia de la maternidad y la condición de la mujer como consecuencia del mito del amor materno versus la obligación de la maternidad. Por eso, analizaremos el amor materno como un instinto, una vocación femenina o por el simple hecho de seguir los moldes impuestos por la sociedad patriarcal, que impone a la mujer la sumisión a las costumbres de una época. Ante estas discusiones, es posible percibir la relación de la maternidad, en cuanto a la tipología del cuerpo. A través de la historia ambientada en la novela, comprendemos la necesidad de observar las cuestiones de la maternidad envolviendo el cuerpo, a la vista de ello, reflejamos la condición del personaje femenino Cordelia a partir de toda su trayectoria de vida que resalta en la subalternidad de su. el cuerpo, y para finalizar la investigación abordaremos las relaciones maternas en torno a la protagonista de la novela. Para llegar a los resultados y discusiones propuestas, utilizamos como base teórica las consideraciones de: Elisabeth Badinter (1985), Michelle Perrot (1998 y 2008), Elizabeth Grosz (2000), Ana Luísa Amaral (2003), Elódia Xavier (2007), Simone de Beauvoir (2016) entre otros.

Palabras clave: Maternidad. Cuerpo. Personajes Femeninos. Romance de Cordelia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I - MATERNIDADE VERSUS O MITO DO AMOR MATERNO	14
1.1 Maternidade: aspectos importantes em breve retomada.....	15
1.2 O mito do amor materno <i>versus</i> a obrigação da maternidade	18
CAPÍTULO II - A REPRESENTAÇÃO DO CORPO NO VIÉS FEMININO DO ROMANCE DE CORDÉLIA	23
2.1 Uma breve reflexão sobre a concepção literária do corpo feminino	24
2.2 O conceito de corporalidade segundo a protagonista do Romance de Cordélia	26
CAPÍTULO III - AS RELAÇÕES MATERNAIS EM TORNO DE CORDÉLIA	34
3.1 O amor e a falta de amor na vida de Cordélia.....	35
3.2 A relação da protagonista com sua mãe	35
3.3 Cordélia e o amor de mãe no amor da avó	39
3.4 A submissão à mãe espelhada na prima	42
3.5 Cordélia e a maternidade fraternal com os moradores de rua.	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

Este trabalho resulta de uma pesquisa Pibic intitulada: *Narratologia e estudos de gênero: a questão da mulher no romance contemporâneo*, que abordou a condição da mulher por meio de representações femininas em seis romances; um deles, o que aqui analisamos. O projeto, desenvolvido no período de agosto/2017 a julho/2018, no Grupo Interdisciplinar de Estudos Literários Lusófonos (GIELLus), foi orientado pela Professora Doutora Aldinida Medeiros e convergiu, posteriormente, para esta monografia.

A monografia que ora apresentamos é uma pesquisa bibliográfica, realizada através de uma leitura analítica do *Romance de Cordélia*, obra publicada em 1998, e escrita por Rosa Lobato de Faria. Observamos, sob a perspectiva dos Estudos de Gênero, os conceitos de maternidade e maternagem, bem como outros ligados à condição feminina, para aplicarmos à análise desta narrativa.

Temos como objetivo, buscar examinar a condição feminina envolvendo sua condição física e psicológica retratada na narrativa. Buscamos também, destacar as relações maternas e a questão do corpo sobre a protagonista, considerando todas as sucessões de acontecimentos que a envolve.

A protagonista elaborada por Rosa Lobato de Faria retrata a fragilidade e a inocência da mulher diante das armadilhas que a vida apresenta. O romance se desenvolve como um cordel, por isso, propositalmente o título *Romance de Cordélia*. Dito superficialmente, o cordel é a arte de fazer folhetos e pendurá-los. Originou-se nas feiras, em Portugal, e foi trazido no período da colonização para o Brasil. O livro trabalhado foi construído em um processo de ficção, ele narra diversas histórias da vida real, que foram cuidadosamente recolhidas pela autora e por ela recontadas, trazendo em sua obra bastante reflexão.

Rosa Lobato de Faria nasceu no ano de 1932 em Lisboa, no seio de uma família originária da Índia Portuguesa, com raízes aristocratas, e morreu no ano de 2010, é recordada como uma pessoa extraordinária, deixando uma marca muito forte no mundo do espetáculo e da cultura portuguesa. Destacou-se em várias áreas: foi atriz, compositora e, nos anos 1990, surgiu como autora.

A obra inicia com uma nota a informar o leitor para situar sobre os fatos vivenciados das reclusas do Estabelecimento Prisional de Tires, na região de Lisboa em Portugal. A personagem principal começa relatando seu descontentamento por não poder provar sua

inocência, enfatiza os dezesseis anos que perdeu naquele estabelecimento prisional, sem conseguir restituir sua dignidade ao final, resolvendo sempre se calar diante de toda essa situação.

A trama tem como centro os acontecimentos da vida de Cordélia, que desde a infância presenciava intensas crises de relacionamento dos seus pais, isso refletia na sua educação. Um destes conflitos destacados no romance é a relação com sua mãe, que a faz ficar cada vez mais distante. Diante disso, a vida da protagonista foi marcada por episódios cruéis, acontecendo fatos inesperados durante todas essas fases da sua vida, acabando presa e conhecendo várias outras histórias das suas companheiras de cárcere.

Nessa perspectiva, desenvolvemos nossa pesquisa da seguinte forma: no primeiro capítulo, abordamos alguns aspectos sobre a história da maternidade e discutimos a respeito da questão da maternidade *versus* o mito do amor materno, para discorrer sobre os temas mencionados nos fundamentaremos nas observações de Elisabeth Badinter (1985), Simone de Beauvoir (2016) e Michelle de Perrot (1998). No segundo capítulo, apresentamos a questão do corpo e da maternidade fazendo uma breve comparação com o perfil feminino de Cordélia, protagonista do romance. Para tanto, utilizaremos os estudos de: Elódia Xavier (2007), Michelle de Perrot (2008), Elizabeth Grosz (2000) e Ana Luiza Amaral (2003). Por fim, no último capítulo analisaremos as relações maternas em torno de Cordélia, exemplificando, por meio da análise do romance o que constatamos a partir dos textos teóricos.

CAPÍTULO I
MATERNIDADE VERSUS O MITO DO AMOR MATERNO

1.1 Maternidade: aspectos importantes em breve retomada

Considerando que o nosso objetivo de estudo é baseado na análise das relações com a maternidade e maternagem, de acordo com as vivências da protagonista no *Romance de Cordélia* (1998) de Rosa Lobato de Faria, resolvemos iniciar nossa pesquisa trazendo breves explicações referentes à maternidade. Para tanto, embasámo-nos nas observações realizadas pela autora Elizabeth Badinter, que faz uma retrospectiva histórica quanto ao tema; em outras estudiosas, como Michelle Perrot e Simone de Beauvoir, que apresentam relevantes questionamentos diretamente relacionados à nossa categoria analítica.

A maternidade, no decorrer da história da humanidade, foi vista como algo que enaltece a mulher. Nesse sentido, desde muito cedo, à figura feminina era preparada para exercer a função social de mãe. De acordo com Perrot (2008), na sociedade ocidental ocorreu uma promoção à assunção da maternidade, por esta questão a mãe era considerada um ser sagrado, vista como imagem e semelhança da Virgem Maria. Evidentemente, essa propagação serviu como base para condicionar às mulheres a obedecerem aos costumes vigentes e a perpetuarem os valores pregados pela família cristã.

Por consequência, a mulher, mediante a sua condição de subordinada, limitava-se a seguir os padrões impostos. Torna-se importante ressaltar que a sociedade, em geral, foi firmada por valores patriarcais, ou seja, dominada pelo controle, majoritariamente, masculino. De acordo com isto, a feminista Simone de Beauvoir (2016) no primeiro volume da sua obra *O segundo sexo*, ao realizar um estudo partindo de uma perspectiva existencialista da mulher, aponta que esta condição de subordinada ocorreu em virtude do sexo feminino ter sido condenado ao papel do Outro¹:

Condenada a desempenhar o papel do Outro, a mulher estava também condenada a possuir apenas uma força precária: escrava ou ídolo, nunca é ela que escolhe seu destino. ‘Os homens fazem os deuses; as mulheres adoram-nos’, diz Frazer. São eles que decidem se as divindades supremas devem ser femininas ou masculinas. O lugar da mulher na sociedade sempre é estabelecido por eles. Em nenhuma época impôs sua própria lei (BEAUVOIR, 2016, p. 112- 113).

¹ A categorização da palavra “Outro” feita pela feminista Simone de Beauvoir retrata o papel de submissão da mulher que comporta significações hierarquizadas através do posicionamento masculino, ressaltando em uma relação de submissão e dominação.

Com base na citação acima, podemos observar que a mulher já nascia com o seu destino traçado, cabendo-a apenas obedecer. No que se refere, mais especificamente, à maternidade, Beauvoir, a partir do ponto de vista biológico, aponta a reprodução como base da separação e diferenciação das espécies em machos e fêmeas, enfatiza, ainda, que, o homem, condicionado pela sociedade patriarcal, enxerga a mulher como uma fecundadora, um instrumento fielmente disposto para a reprodução: “[...] encarar a mulher unicamente como força reprodutora; ela é para o homem uma parceira sexual, uma reprodutora, um objeto erótico, um “Outro” através do qual ele se busca a si próprio” (BEAUVOIR, 2016, p. 89 - 90). Nota-se, portanto, que a dominação patriarcal está intimamente atrelada à condição natural da maternidade.

No entanto, historicamente, a maternidade não foi vista apenas dessa maneira. A estudiosa Elisabeth Badinter em seu livro *Um amor conquistado: O mito do amor materno* (1985), citando as palavras de France Magazine, diz que: "A maternidade é um dom e não um instinto como nos tentam fazer crer" (BADINTER, 1985, p. 16). A autora enfatiza que é o determinismo social que exerce autoridade sobre a mulher. Nesse sentido, Badinter faz o seguinte questionamento: “Não teremos, com excessiva frequência, tendência a confundir determinismo social e imperativo biológico? Os valores de uma sociedade são por vezes tão imperiosos que têm um peso incalculável sobre os nossos desejos” (BADINTER, 1985, p. 16).

Esta indagação nos leva a refletir que a mentalidade cultivada sobre a maternidade no decorrer da história, tem uma forte ligação com o progresso de benefícios políticos, econômicos e sociais. Com efeito, muitas mulheres acabavam vivendo a maternidade como uma obrigação. Neste estudo a autora ainda ressalta que a criança, antes de 1760, não tinha muito valor sentimental para a família. Inúmeras foram entregues às amas de leite, e muitas mães sacrificaram seu desejo de maternagem². Com relação ao desapego à criança, Badinter afirma:

No século XVII e sobretudo no século XVIII, a educação da criança das classes burguesas ou aristocráticas segue aproximadamente o mesmo ritual, pontuado por três fases diferentes: a colocação na casa de uma ama, o retorno ao lar e depois a partida para o convento ou o internato. A criança viverá no máximo, em média, cinco ou seis anos sob o teto paterno, o que não significa absolutamente que viverá com os pais (BADINTER, 1985, p. 118).

² Parafrazeando a escritora e filósofa francesa Elisabeth Badinter (1985) Gerar, gestar e parir é maternidade. Cuidar, amar, proteger, doar, ensinar é maternagem. Maternidade é instinto, Maternagem é aprendizado.

Dessa maneira, observa-se que a relação de mãe e filho era superficial, visto que as crianças não pertenciam ao universo familiar. No entanto, como consequência das grandes taxas de mortalidade infantil, a mãe foi convocada a exercer seu instinto maternal:

Veremos que se tornará necessário, no final do século XVIII, lançar mão de muitos argumentos para convocar a mãe para sua atividade “instintiva”. Será preciso apelar ao seu senso do dever, culpá-la e até ameaçá-la para reconduzi-la à sua função nutritícia e maternante, dita natural e espontânea. (BADINTER, 1985, p. 144 - 145).

Assim, a mulher estava presa a exercer o posto de mãe, mesmo com pouca ou nenhuma vocação, pois, diante de uma sociedade de aparências, era dever de todas as mulheres vivenciarem e instituírem seu instinto materno. Dentro desse contexto, as consideradas boas mães eram exaltadas, enquanto as que não podiam ou não sabiam exercer a função de mãe eram julgadas. Consoante isso, Badinter diz:

Enclausurada em seu papel de mãe, a mulher não mais poderá evitá-lo sob pena de condenação moral. [...] A razão também do desprezo ou da piedade pelas mulheres que não tinham filhos, do opróbrio daquelas que não os queriam. Ao mesmo tempo em que se exaltavam a grandeza e a nobreza dessas tarefas, condenavam-se todas as que não sabiam ou não podiam realizá-las à perfeição (BADINTER, 1985, p. 237).

Com base nos estudos de Badinter, podemos perceber que o cuidado e dedicação materna com a criança, não existiram em todas as épocas, tão pouco, para todas as mulheres. Contextualizando a questão da maternidade no século XX, a autora destaca que as mulheres deste século, mesmo quando trabalham, são muito mais preocupadas e mais atenciosas com os filhos que as mulheres de outras épocas.

Dessa maneira, a estudiosa comprova a sua tese de que o instinto materno não é inato, mas sim imposto socialmente. Estas questões envolvendo o instinto materno vêm sendo discutidas desde muito tempo; e já foi alvo de sarcasmo, conforme enfatiza Badinter:

Há mais de trinta anos uma filósofa, Simone de Beauvoir, questionou o instinto materno. Psicólogos e sociólogos, em sua maior parte mulheres, fizeram o mesmo. Mas como essas mulheres eram feministas, fingiu-se acreditar que sua inspiração era mais militante do que científica. Em lugar de discutir seus trabalhos, foram muitos os que ironizaram a esterilidade voluntária de uma agressividade e a virilidade da outra (BADINTER, 1985, p. 21).

Observa-se que o tema discutido sucedeu mudanças ao longo do tempo. É inegável que o movimento feminista, contribuiu de forma significativa para essas transformações, pois foram as feministas que deram início às lutas contra o fim da desigualdade entre os sexos e, evidentemente, a família tradicional que a sociedade tanto prezava, passou a ser vista por outro ângulo, uma vez que, este movimento dava direito à mulher a escolher sua posição social. No entanto, mesmo diante desses avanços, quando o assunto é a maternidade, culturalmente, a mulher ainda é condicionada a submissão aos antigos padrões patriarcais.

Diante disso, podemos notar que a maternidade, desde tempos remotos, foi construída como um destino biológico naturalmente a ser cumprido pela mulher. No entanto, este condicionamento natural da mulher funcionava como uma forma de controle da sociedade patriarcal. Hoje, observa-se que a maternidade é um tema bastante debatido entre os pesquisadores, cuja preocupação principal é esclarecer certos mitos que ficaram por muitos tempos silenciados.

1.2 O mito do amor materno versus a obrigação da maternidade

A maternidade é um tema bastante controverso. Com relação ao mito do amor materno e à obrigação da maternidade, é possível afirmar que eles vêm sendo questionado por vários estudiosos. Visto que, o mito do amor materno começou a ganhar seu espaço nas pesquisas feministas, a filósofa Elisabeth Badinter é uma das vozes mais importantes do movimento feminista francês e pesquisadora sobre as questões que envolvem a identidade feminina em correlação ao mito do amor materno e a obrigação da maternidade. A filósofa defende que o instinto materno relacionado à mulher não é algo inerente a ela, ou está ligado a sua identidade feminina, mas construído socialmente.

Desde muito tempo, não existe o amor materno inato. O primeiro sinal de rejeição ocorria quando as crianças eram entregues às amas de leite. Estas mulheres não tinham nenhuma condição para receber as crianças, pois eram pobres e viviam em situações precárias, em concordância com Badinter: “a entrega à ama é ‘objetivamente’ um infanticídio disfarçado.” (1985, p. 141). Diante dessa situação, a mortalidade infantil aumentou gradativamente e afetou a economia: “as principais razões do abandono são de ordem econômica e social” (1985, p. 141). Essas mulheres-mães tinham que obedecer aos estímulos econômicos e sociais impostos pelo seu marido.

Com o grande aumento da mortalidade infantil, e os resultados das pesquisas demográficas sobre a decadência populacional, o discurso econômico mudou. Seus líderes perceberam a importância da população para melhor rendimento econômico; com isso, as mulheres foram mais uma vez submetidas a seguir os novos padrões que a sociedade tinha imposto. Dessa forma, é importante perceber que surgiu um novo jogo político, social e econômico, e atrelado a isto um novo discurso sobre o mito do amor materno. Mas o que seria o mito? No minidicionário da língua portuguesa Aurélio (2001, p. 466), encontramos o verbete que define o que é um mito: “o mito é uma ideia falsa, que distorce a realidade ou não corresponde a ela”. Assim, percebermos que a ideia natural da maternidade ligada à mulher era uma falácia.

No entanto, após 1760, as mulheres eram obrigadas a viver a maternidade, e, assim, ela foi transformada em algo que intimida os desejos das mulheres. Desse modo, percebermos que a maternidade começou a ser algo que beneficia alguns e desagrada outros. De acordo com Badinter, essa questão de viver a maternidade era mais uma questão econômica:

Após 1760, abundam as publicações que recomendam às mães cuidar pessoalmente dos filhos e lhes "ordenam" amamentá-los. Elas impõem, à mulher, a obrigação de ser mãe antes de tudo, e engendram o mito que continuará bem vivo duzentos anos mais tarde: o do instinto materno, ou do amor espontâneo de toda mãe pelo filho. No fim do século XVIII, o amor materno parece um conceito novo. Não se ignora que esse sentimento existiu em todos os tempos, se não todo o tempo e em toda parte. (BADINTER, 1985, p.145)

Diante disso, nota-se que a mulher não tinha outra escolha, a não ser viver a maternidade. Nessa perspectiva, a mulher nasceu para assumir esse papel de ser mãe, tinha que obedecer e os seus desejos ficavam em segundo plano. Esta obrigação de encarar uma maternidade sem desejos acabava oprimindo essas mulheres e gerando crianças doentias. De acordo com o pensamento da feminista Simone de Beauvoir (2016, p. 280): “maternidade forçada leva a botar no mundo crianças doentias que os pais serão incapazes de alimentar, que se tornarão vítima da Assistência Pública (...)”.

Dessa forma, podemos fazer o seguinte questionamento: será, de fato, que o sentimento a partir do qual a sociedade educava as mulheres, indicando de que todas, desde o princípio, nasceram para dar continuidade à espécie humana, existiu? Nos séculos passados como seria a posição dessas mulheres ao entregar seu filho a uma ama? Utilizamos as palavras de Badinter para responder: “não é exagero falar de abandono materno, pois uma vez a criança entregue a ama, os pais se desinteressam de sua sorte. (BANDITER, 1985, p. 126)”.

Não podemos generalizar, mas a maioria dos críticos que estudam sobre esse fato histórico associam a mulher-mãe a algo que é sempre moldada pelas vontades impostas pela sociedade.

Entretanto, muitas mulheres mantinham o desejo de ser mãe, mas a insegurança imposta pela própria sociedade predominava em termos de não dar um suporte à mulher. Assim, a maioria das mulheres acabavam por se sentir insegura quando o assunto é a maternidade. A feminista Simone de Beauvoir ressalta:

Certas mulheres alimentam durante toda a vida o desejo de dominar crianças, mas conservam um sentimento de horror ao trabalho biológico do parto; fazem-se parteiras, enfermeiras, preceptoras; são tias dedicadas, mas recusam-se a ter filhos. Algumas também, sem rechaçar com desgosto a maternidade, são por demais absorvidas pela sua vida amorosa ou por uma carreira para que lhe reserve um lugar na existência. Têm medo do fardo que o filho representaria para elas ou para o marido. (BEAUVOIR, 2016, V. II, p. 291)

A partir desse exceto, confirmamos que esse sentimento de horror é criado pelo fato das mulheres presenciarem histórias de outras mulheres que viveram a maternidade em meio às dificuldades e limitações diárias, não se adaptaram com a maternidade e por isso sua vida é marcada por amarguras e aflições. Com isso, podemos observar que a decisão de ser mãe se torna cada vez mais difícil. Sobre este aspecto a filósofa Elisabeth Badinter aponta: “Mas só hoje começamos a perceber como o desejo de ter um filho é complexo, difícil de precisar e de isolar de toda uma rede de fatores psicológicos e sociais” (BADINTER, 1985, p. 16).

A perspectiva de viver a maternidade em plenitude é pura fantasia, como podemos observar é cada vez mais difícil lidar com as dificuldades que englobam a maternidade. A identidade feminina não se torna mais forte só pelo fato de se concretizar o instinto materno, de conseguir viver a maternidade, isso é uma questão de seguir os moldes de uma sociedade machista, em que a mulher e seus desejos estão em segundo plano, por isso percebemos o surgimento de sérios problemas, muitas das vezes psicológicos que podem trazer consequências para o resto da vida da mulher. É importante observar que a mulher paga um preço muito alto diante das escolhas e acaba, em virtude disso, optando por adapta-se aos paradigmas sociais.

Convém esclarecer que esses questionamentos diante das escolhas da figura feminina sempre vão existir. No entanto, a mulher no meio de tantas lutas está gradativamente alcançando seu espaço e muitas das vezes preferem deixar a maternidade em segundo plano. O fato de colocar a realização profissional e conquistar um espaço de valor diante de uma

sociedade machista nunca irá satisfazer a sociedade que está inserida. As críticas vão aparecer independente de seguir os padrões impostos.

Essa obrigação da maternidade traz várias implicações para a mulher, causando, em alguns casos, depressão pós-parto, ou fazendo com que as mulheres coloquem os filhos para adoção, cometam o infanticídio, por não conseguirem se sentir felizes com a maternidade. Vejamos um trecho do livro da feminista Simone de Beauvoir para comprovar nosso comentário:

Todos esses exemplos bastam para mostrar que não existe “instinto” materno: a palavra não se aplica em nenhum caso à espécie humana. A atitude da mãe é definida pelo conjunto de sua situação e pela maneira por que a assume. É como se acaba de ver, extremamente variável. (BEAUVOIR, 2016, V. II, p.313)

A busca da sociedade em querer romantizar esse ideal materno ou conscientizar as mulheres que têm que deixar florir o instinto materno que todas possuem, e que seria uma grande injustiça não vivenciar a maternidade, são discursos que têm uma grande resistência cultural e religiosa até os dias atuais.

Quando o assunto é a maternidade, a vida de muitas vira ao avesso à procura desse ideal materno, e quando a maternidade acontece de uma forma fracassada, ela traz situações físicas, extremos cansaços, dúvidas e uma busca em querer entender esse sentimento referendado pela sociedade. Diante disso, entramos em concordância com Badinter que expressa o seguinte pensamento: “os valores de uma sociedade são por vezes tão imperiosos que têm um peso incalculável sobre nossos desejos” (1985, p. 16). A partir desse pensamento, podemos perceber as grandes frustrações as quais a mulher é submetida para se enquadrar em uma sociedade em que o poder patriarcal tem alta influência nos discursos preparados para as mulheres.

Tamanha é a evolução que as mulheres obtiveram com os movimentos feministas, porém quando o assunto é maternidade e o instinto materno, a mulher acaba sendo vítima de duras críticas. O amor romantizado entre mãe e filho, o sentimento incondicional e puro é mais uma questão de estabilidade social. O sentimento materno é de pura ambivalência. A filósofa feminista Elisabeth Badinter já refletia sobre essa condição de sentimento e destaca:

Nessa óptica, torna-se muito difícil chegar à essência do sentimento. Pois se ele se pode “manifestar” sob formas opostas, sob todas as maneiras possíveis, somos obrigados a reconhecer que sua essência permanece misteriosa, isto é, indefinível. (BADINTER, 1985, p.14)

Uma vez demonstrado essa condição da mulher em desenvolver o instinto materno e essa obrigação da maternidade, as grandes dificuldades em vivenciá-la, dando início à perda do seu próprio eu. A maternidade vira uma grande fantasia em que se oculta sua verdadeira identidade.

Assim, com o propósito de abranger as discussões sobre o mito do amor materno, através da história e da literatura, é possível perceber que a maternidade envolve também a questão do corpo, ou seja, os fatos históricos que envolvem a mulher e as condições que refletem no seu corpo. Diante disso, no próximo capítulo pontuaremos considerações acerca dessa categoria envolvendo as condições que a personagem feminina do romance analisado apresenta durante a sua trajetória de vida, que acaba refletindo na condição do seu corpo. Sucintamente, serão explanadas as teorias das estudiosas: Elizabeth Grosz (2000), Elódia Xavier (2007), Michelle Perrot (2008), dentre outros, que são necessários para o entendimento geral dessa pesquisa.

CAPÍTULO II

**A REPRESENTAÇÃO DO CORPO NO VIÉS FEMININO DO ROMANCE DE
*CORDÉLIA***

2.1 Uma breve reflexão sobre a concepção literária do corpo feminino

A trajetória de vida da mulher em relação à condição do seu corpo, que sempre esteve presente na nossa história, foi possível constatar por meio de nossas leituras, em torno das contribuições teóricas, principalmente, pelos estudos de Elódia Xavier (2007), que tratam das questões de gênero ligadas ao corpo feminino em seu ensaio *Que corpo é esse? o corpo no imaginário feminino*, que mostra através das discussões no âmbito do feminismo que estes estudos contribuíram para que houvesse um rompimento com o tradicionalismo. Diante dos movimentos feministas, a mulher cada vez mais está conseguindo romper com o tradicionalismo, e mostrando sua audácia perante uma sociedade que apresenta marcas do sistema patriarcal. Com isso, tanto a maternidade quanto o corpo estão envolvidos com a historicidade, é a partir de um viés histórico e literário que podemos relacionar as questões do corpo e a maternidade diante dos fatos presentes na nossa história.

Essas representações que envolvem o corpo também envolvem a progresso da mulher na história, as dificuldades, lutas e conquistas. O conceito de corpo engloba as questões de vida social, política, cultural, psicológica e sexual da mulher. Segundo a historiadora francesa Michelle Perrot, a representação do corpo está em constante confronto com a História. Diante disso, Perrot enfatiza que:

Não o corpo imóvel com suas propriedades eternas, mas o corpo na história, em confronto com as mudanças do tempo, pois o corpo tem uma história, física, estética, política, ideal e material, da qual os historiadores foram tomando consciência progressivamente. (PERROT, 2008, p. 41)

Assim, percebemos que a história está relacionada com as questões do corpo, a mulher e sua trajetória de vida. Em concordância com Perrot (2008, 76): “corpo desejado, o corpo das mulheres é também, no curso da história, um corpo dominado, subjugado, muitas vezes roubado, em sua própria sexualidade.” Um corpo que expressa a dor, o sofrimento de enfrentar as lutas diárias. De acordo com Elizabeth Grosz no seu estudo “Corpos reconfigurados”: “O corpo continua a ser um ponto cego conceitual, tanto no pensamento filosófico ocidental dominante quanto na teoria feminista contemporânea.” (GROSZ, 2000, p. 47).

Essa concepção sobre o corpo, podemos observar através das obras literárias a construção dessa identidade através das várias histórias de ficção. Pensando a partir dessa reflexão sobre o corpo, podemos perceber uma crise de identidade que envolve a mulher. Na

obra literária estudada *Romance de Cordélia* (2008), ao relacionarmos a questão da maternidade com o corpo, percebemos na escrita da autora Rosa Lobato de Faria, ao colocar a protagonista em situações que levam a apresentar várias crises de identidade, os vários conceitos de corpo. De acordo com Ana Luiza Amaral:

A essa crise de identidade alia-se uma consciência da escrita de mulher, instância performativa erótica que transgride as leis do discurso poético tradicional pela invenção de uma linguagem de resistência. (AMARAL, 2003, p. 115)

A escrita de Rosa Lobato de Faria mostra a condição da mulher, que, com bases em fatos verídicos, apontando acontecimentos que envolvem mulheres que estão presas e pagando pelo um crime que não cometeram, através de um discurso de resistência. Assim, podemos concordar com o pensamento da escrita do corpo através da escrita de mulheres da feminista Ana Luiza Amaral e associar à escrita de Rosa Lobato de Faria que, através da literatura, permitiu colocar em suas obras literárias esse discurso de resistência a partir da vivência da protagonista apresentada na obra literária *Romance de Cordélia*.

Portanto, a concepção de corpo passa por vários impedimentos a ser superado, que de acordo com Grosz, ressalta: “O corpo feminino limita a capacidade das mulheres para igualdade e transcendência; é um impedimento a ser superado, um obstáculo a ser vencido se se deseja obter igualdade.” (GROSZ, 2000, p. 71).

Com o propósito de abranger as discussões sobre o conceito de corporalidade, no próximo tópico pontuaremos o conceito de corpo segundo as condições físicas, psicológicas, social e cultural da protagonista do romance estudado *Cordélia*.

2.2 O conceito de corporalidade segundo a protagonista do Romance de Cordélia

Ao analisamos a condição do corpo da protagonista do romance em torno das fases da sua vida, a partir de seus aspectos culturais, sociais e psicológicos. Esses aspectos refletem no conceito do seu corpo, que de, acordo com o pensamento de Élodia Xavier, acerca das representações literárias do corpo feminino, colocando sempre em destaque as obras literárias de autoria feminina, destaca:

Parece-nos importante, a esta altura, considerar os corpos mais em sua concretude histórica do que na sua concretude simplesmente biológica, evitando, a todo custo, o essencialismo ou categorias universais. Existem apenas tipos específicos de corpos, marcados pelo sexo, pela raça, pela classe social e, portanto, com fisionomias particulares. Essa multiplicidade deve solapar a dominação de modelos, levando em conta outros tipos de corpos e subjetividades. (XAVIER, 2007, p. 22)

Segundo nos infere esta explicação, o corpo é caracterizado segundo sua concretude histórica, não nos seus aspectos biológicos. São sobre essas concepções que a literatura junto com os estudos feministas mostram à importância da concepção do corpo no universo feminino, compreendemos os diferentes conceitos de corporalidade, que variam de acordo com as condições de cada personagem, sempre explorando a figura feminina. Vejamos esse trecho para elucidar esse pensamento:

Dada à importância que o corpo tem hoje na teoria feminista, parece-nos relevante um estudo da narrativa de autoria feminina pelo viés da questão corporal, uma vez que o corpo aí representado é local de inscrições “sociais, políticas, culturais e geográficas.” (XAVIER, 2007, p. 23)

Nas narrativas de autoria feminina, são recorrentes essas características acerca do corpo e suas representações sobre a vida das personagens femininas, uma questão muito pertinente nos romances contemporâneos. Na obra *O Romance de Cordélia* (2008), em que é relatada a vida sofrida da protagonista, que passa por vários momentos difíceis, acabando por refletir no conceito do seu corpo. Através da leitura realizada sobre o estudo do corpo, segundo o pensamento de Elódia Xavier (2007), podemos conceituar a protagonista em três categorias que envolvem a tipologia do corpo: *subalterno, disciplinado, violento*.

Diante desse pensamento, analisamos o corpo a partir de sua concretude histórica, e não biológica. Assim, analisamos a protagonista segundo suas vivências para auxiliar as

características que refletem no conceito de seu corpo. Assim a personagem feminina está sempre em constantes mudanças.

É possível aplicar alguns diferentes conceitos de corporalidade à análise da protagonista. Cordélia apresenta características de um *corpo subalterno* que segundo o pensamento Elódia Xavier (2007, p. 35) o corpo subalterno “é dada a enorme carência e inferioridade da situação da protagonista.” Cordélia sempre ocupa um lugar desprezível, seja no âmbito social, cultural, psicológico e em destaque no âmbito familiar, a mesma é desprezada pela sua própria mãe. Um trecho da narrativa que é possível perceber esse repúdio do sentimento maternal sobre Cordélia, destaca logo na fase inicial da sua vida, na sua infância que logo sua mãe não aceitou o seu próprio nome: “Teve sempre vergonha de mim. Do meu aspecto, do meu comportamento, das minhas preferências e do meu nome... Até morrer, a minha mãe tratou-me e ordenou que todos à sua volta me tratassem por Lili.” (FARIA, 1998, p. 12).

Dessa forma, a marca da subalternidade sempre esteve presente na vida de Cordélia, na sua fase de adolescência, destacamos a sua relação social, no seu meio escolar, quando a mesma era menosprezada pelos seus colegas de classes. Assim, sempre era tomada pelo sentimento de inferioridade. Esses aspectos podemos relatar em vários fragmentos da narrativa, no caso do período escolar não tinha muitas alegrias, e sofria preconceitos diante de sua aparência física, vemos a seguir:

Na escola também não tinha muitas alegrias. Eu saí alta e magrinha á minha mãe, morena ao meu pai e o que se usava naquele colégio particular eram as loiras rechonchudas, e eu era o patinho feio da aula, elas diziam que eu tinha bigode e que os meus vestidos eram pirosos, isto porque a minha mãe tinha mania dos botões em feitio de bichos, galinha, ursos, cães de orelhas murcham e abusavam dos casaquinhos de jacquard em lã mohair. (FARIA, 1998, p. 18).

Desta maneira, Cordélia era consciente de que sempre sua vida era difícil. Assim destaca: “Só na minha vida nada aconteceu assim, Foi tudo sempre de maneira mais difícil.” (FARIA, 1998, p. 14). Cordélia faz essa comparação com os cordéis que lia em suas noites de insônias na prisão que sempre a mocinha que sofria no final, terminava feliz. Mais a protagonista lamentava o porquê da sua vida ser tudo da forma mais difícil.

Outra questão que podemos destacar sobre a concepção do *corpo subalterno* era a questão de seus gostos como o de se torna bailarina, o qual não era aceito por sua mãe. Isso deixava a protagonista muito deprimida, na ausência principalmente da mãe em casa, deixava

Cordélia se sentir livre por alguns instantes e treinava o Ballet, vejamos um trecho da narrativa que mostra mais uma vez o desprezo da mãe por Cordélia: “Tiveram esta única filha, feia e desarranjada dos pirolitos, com a ideia de ser bailarina, que aprendeu as posições por um manual e se treinava aos saltos pela casa toda na ausência dos progenitores.” (FARIA, 1998, p. 20).

A protagonista do romance também apresenta marcas de um *corpo disciplinado*, uma vez que os episódios da sua vida é marcado por injustiças e opressão. Ao analisamos essas características do corpo presente na vivência de Cordélia, é possível perceber grandes marcas desse corpo na sua relação com a prima Berta, a qual queria sempre cumprir à risca aquilo que lhe foi imposto segundo a vontade da prima. Diante dessa perspectiva, as marcas de um corpo disciplinado estiveram presente no convívio com Berta. De acordo Xavier (2007, p. 59) “relação entre a carência e a subordinação” são marcas de corpo disciplinado. Assim, os acontecimentos difíceis da vida de Cordélia, vão se refletir no seu corpo disciplinado.

O convívio com a prima mostra que cada vez mais Cordélia está presa no mundo de Berta, o acolhimento da prima no momento difícil na vida da protagonista a fez perceber que Berta era a única pessoa com quem ela poderia contar. Assim, a prima se aproveitou do sentimento de dor e abandono e, a partir desse sentimento, tornou Cordélia dependente de seus costumes:

Berta recebeu-me como se eu fosse uma filha pródiga, instalou-me no quarto de hóspedes, disse que de modo nenhum consentiria que eu lhe prestasse serviços como compensação... Achei que me tinha saído a sorte grande, pus de parte a erva e a bebida, recuperei a minha roupa clara e aceitei alguma que a Berta já não usava e tentei, de um modo geral merecer este favor que o destino me fazia. (FARIA, 1998, p. 93).

Nesse trecho da narrativa, percebemos o sentimento de gratidão que Cordélia começava a sentir em relação ao acolhimento da prima em um momento tão difícil. Assim, logo no início Berta finge-se de uma bondade que nunca existiu para conseguir de Cordélia todos seus desejos. Foi a partir dessa relação que Cordélia ficou submissa às vontades de Berta. O tempo foi passando e essa relação só aumentava e junto o sentimento de gratidão, Cordélia se encontrava só no mundo sem ninguém, sua avó paterna com a qual tinha uma grande aproximação e era a única pessoa que tinha amor por Cordélia faleceu, e seu pai também, a única pessoa que poderia contar com apoio era Berta, depois da morte da sua mãe a única coisa que tinha na vida era a casa que tinha herdado da sua família. Logo quando recebeu a notícia refleti-o muito sobre o que iria fazer com a sua vida a partir daquele

momento, logo veio o pensamento de ir embora, mais logo o sentimento de gratidão por Berta tomou conta dela e pensou:

De repente transformei-me numa mulher rica. Pensei vender a casa e ir viver fora do país, esquecer tudo e começa uma vida nova, estabelecer um rendimento a Berta para que não me chamasse de ingrata. (FARIA, 1998, p. 117).

O sentimento de gratidão com a prima era notável no comportamento de Cordélia; pois não queria ser injusta, queria sempre reconhecer o que a prima fez por ela no momento que ela mais precisava, isso fazia ser sempre grata a Berta. Devido sua imensa ingenuidade Cordélia não percebe que cada vez mais estava sendo controlada por Berta. Sobre a situação do corpo disciplinado, é preciso atentar para uma forma de violência que acontece, quase despercebidamente, em nível psicológico. O sujeito não se sente, de imediato, assediado ou subjugado; daí a disciplina sobre os corpos muitas vezes passar despercebida ao adulto que a sofre. Podemos enfatizar nosso pensamento com a feminista Elódia Xavier:

É verdade que, no caso dos corpos disciplinados e dóceis, os procedimentos são mais rigorosos e evidentes, incluindo punições e prêmios. A violência simbólica, porém, tem uma ação transformadora que se manifesta de maneira invisível e insidiosa, através de interações prolongadas com as estruturas de dominação. O resultado visado é um só: a submissão às regras em todos os níveis. (XAVIER, 2007, p. 59)

De acordo com essa perspectiva, é possível encontrarmos esse aspecto de dominação nas atitudes de Berta. Assim Cordélia cada vez mais estava presa em um mundo onde quem ditava as regras era sua prima. A protagonista não tem voz ativa para toma suas próprias decisões e tudo girava em torno de Berta. Tudo tinha que ser segundo a vontade de Berta e Cordélia só tinha uma saída: respeitar todas as decisões e se calar diante das escolhas da prima, que muitas das vezes não se conciliava com seus desejos. Essa subordinação na narrativa é quando Cordélia deixa Berta decidir sobre o que fazer com a casa que tinha herdado de seus pais:

Vendo a casa, Berta?

Claro que não.

Não? Mas porquê?

A Berta esticou as pernas sobre a mesa o supedâneo de tapeçaria, recostou-se no sofá, cruzou os braços atrás da nuca e disse mudamo-nos para lá, é o mínimo que me debes depois de tudo o que fiz por ti. (FARIA, 1998, p. 117).

Pode-se afirmar que Berta já estava fazendo cobranças a Cordélia querendo deixar a protagonista ainda mais dependente dela. Assim a autoridade de Berta sobre a vida de Cordélia nunca era contrariada. Isso remete às características de um corpo disciplinado, que só obedecer e nunca questiona. De tal modo, a posição de Cordélia diante das escolhas de Berta, sempre aceitava sem fazer questionamentos.

Mas essa relação começou a mudar depois que Cordélia não questionou e aprovou a vontade de Berta e elas se mudaram para a casa que a protagonista herdou dos pais. Diante disso, começaram as primeiras discussões:

A primeira discussão surgiu com a escolha do nome do restaurante. Todas fizemos listas de nomes mais ou menos idiotas, As três Amigas, Cantinho das Primas, Pousada da Serra, Arroz-Doce, Mesa Posta, O Bom Garfo, A Terrinha, A Colher, quando a Berta deu um grito de eureka e declarou, vai chamar-se O Chão da Berta.

O Chão da Berta?

Sim, O Chão da Berta!

Mas... o restaurante... não é só teu.

E o que é que isso interessa? Estás a dizer que a casa é tua, é?

Não, mas...

Já sei! Queres antes Chão da Cordélia! Ou Casinha da Lili! Talvez Cabaret da Coxa? Que culpa tenho eu se o meu nome é bonito e o teu é inapresentável! (FARIA, 1998, p. 120 - 121).

Os desentendimentos, as crises de relacionamento entre Cordélia e sua prima, e as humilhações. Berta agora começava a tratar Cordélia sem nenhum respeito como uma empregada que estava ali para atender seus desejos. Cordélia era infeliz com tudo que estava acontecendo em sua volta, não tinha coragem de questionar Berta. Portanto, era obrigada a concordar com tudo que a prima ordenava. Foi a partir desse comportamento que Cordélia começou a descobrir a verdadeira face da prima. Com isso, as atitudes da prima sobre Cordélia refletiam no corpo disciplinado a subordinação era sua principal característica.

O arrependimento, as escolhas erradas faziam parte da vida da protagonista, o corpo disciplinado depois que passa pelo processo de subordinação reflete a característica de um corpo arrependido. Deste modo era o sentimento de começou a surgir em Cordélia, um grande arrependimento das escolhas que fez ao longo da sua vida. Esse sentimento começou aparecer depois que foi presa injustamente. Nesse momento ela na prisão começou a refletir sobre os acontecimentos que a levaram chegar onde estava hoje, na prisão. É o que fica ressaltado nesse trecho da narrativa:

O que leva uma pessoa relativamente normal, como eu julgava que era a enterrar-se mais e mais na lama onde meteu os pés? O que é que me fez agarrar a uma situação insustentável que não fazia senão piorar? Por que é que não escolhi seguir o conselho da Berta e não me libertei de tudo aquilo? Talvez porque fiz sempre as escolhas erradas, talvez porque me sentia mais presa do que me sinto hoje, talvez porque um resto de amor-próprio me impedia de oferecer a minha casa e o meu património as maquinacões da Berta, talvez porque havia um cliente introvertido e solitário chamando Felipe Martins. (FARIA, 1998, p. 128-129).

Diante desse sentimento de arrependimento, em concordância com Arthur Frank (1996, p. 55 apud Xavier 2007, p.67) Xavier, destaca-se:

Valem aqui as palavras de Arthur Frank a respeito da reação do corpo disciplinado: “Quando a disciplina interna não pode mais neutralizar o tema de sua própria contingência, o corpo disciplinado migra para a dominação, subjugando o corpo dos outros a um controle que ele não pode exercer sobre si mesmo.” (FRANK, 1996, p. 55 apud Xavier 2007, p.67).

Perante esse sentimento que questionava a protagonista, um sentimento de arrependimento, é isso que acontece com o corpo disciplinado, ele acaba migrando para um subjugamento sobre suas escolhas, diante dos acontecimentos trágicos da sua vida, no caso da protagonista ela lamenta está presa e culpa suas próprias escolhas.

Dando continuidade à tipologia do corpo, presente no romance analisado, em torno de um viés feminino, a protagonista também apresenta descrições de um *corpo violentado*. Depois de inúmeros acontecimentos, da ausência do amor materno, da desilusão amorosa, da injustiça, das decepções da amizade, da falta de companheiros, das noites de insônias na prisão, as dificuldades da ressocialização, diante dessas circunstâncias Cordélia teve seu corpo brutalmente violentado.

De acordo com Xavier, o corpo violentado carrega “uma subjetividade amarga, que busca na luta o resgate da dignidade perdida” (XAVIER, 2007, p. 59). Esta situação vai acontecer, sobretudo, nos momentos em que Cordélia toma consciência de tantos reveses que passou na vida. Depois que passou os dezesseis anos presa, chegou a chamada hora da liberdade, todas as reclusas começaram a se despedir, cada uma dando sugestão para Cordélia saber lidar com as dificuldades que vão aparecer ao longo da sua vida, uma nova fase da vida da protagonista se inicia e ela ressaltar com muita veracidade e ironia:

Chegou a temida hora da liberdade. Como quem se atira à água, agarro no meu saco cabedal, guardo o dinheiro que consegui juntar com o trabalho de

tantos anos, e digo-me, sem nenhuma fé, vamos lá ver do que sou capaz. (FARIA, 1998, p.169)

Os acontecimentos da sua vida marcam as características de um corpo violentado. A protagonista seguiu sua vida com pouca esperança, mas um imenso desejo de luta pela sua dignidade em meio de uma sociedade cheia de preconceitos. Com uma personalidade abalada e violentada, enfrenta mais uma vez uma trajetória cheia de situações angustiantes. E depois de tudo mostra sua insistência em alcançar seu último desejo, de estar em paz com ela mesmo, de esquecer seu passado e iniciar uma nova vida.

A resistência de Cordélia é admirável, a sua luta em conquistar seu espaço na sociedade, diante dos sérios problemas que uma ex-presidiária enfrenta, de buscar uma ressocialização, se encontrava sozinha no mundo, alguns empregos que conseguiu foi mandada embora, depois que seus patrões exigiram um currículo ou uma carta de indicação. Cordélia foi forte quando saiu do seu último emprego e relatou a trajetória de sua vida a seus patrões:

Oiça. A pessoa que cometeu esse crime e que eu conheço perfeitamente é recebida em toda a parte com toda a consideração, só porque não foi julgada e não esteve na cadeia. Portanto o que marginaliza não é a culpa, mas o seu pagamento, ainda que se pague a culpa dos outros. Pagamos a chamada dívida à sociedade, mesmo que a dívida não seja nossa e é essa sociedade que nos exclui precisamente por a termos pago. (FARIA, 1998, p.184).

As dificuldades começaram a surgir, Cordélia já tinha imaginado que não seria fácil, conseguir trabalhar em alguns estabelecimentos. Diante disso sempre escondeu seu passado, mas foi logo descoberta que era uma ex-presidiária. Assim, com o dinheiro que juntou na prisão pagou alguns meses de aluguel, mas o dinheiro era pouco e a preocupação tomava conta dela e acabou indo mora na rua:

Nunca mais arranjei emprego. Agora toda a gente me pedia referências, diplomas, cartas de apresentação [...] Passei a ser conhecida e apontada a dedo, olha a presidiária, um dia a senhora cansou-se da situação e no verão de S. Martinho, numa manhã luminosa de Novembro, pôs-me sumariamente no olho da rua. (FARIA, 1998, p.185-186).

Por consequência do destino, Cordélia acaba morando na rua e conhece alguns moradores de rua, entre eles Linhaça com quem conversou algumas vezes. Ele era seu único amigo e estava na mesma situação que ela. Ele falou das dificuldades que enfrenta quem mora

na rua, a protagonista relatou: “Sou uma pessoa a quem a vida correu mal e esta foi a minha primeira noite na rua”. (FARIA, 1998, p.190).

É notável a infelicidade da protagonista em várias partes da narrativa, uma vez que sua vida foi arruinada. A representação do corpo, segundo a vivência da protagonista, reflete na sua condição física, social e psicológica. Desse modo, classificamos Cordélia diante do conceito de corporalidade de acordo com suas condições de vida. Perante isso, no próximo capítulo, abordamos as relações maternas em torno da protagonista, tudo isso refletindo na concepção do corpo, na construção da sua identidade.

CAPÍTULO III

AS RELAÇÕES MATERNAIS EM TORNO DE CORDÉLIA

3.1 O amor e a falta de amor na vida de Cordélia

Neste capítulo, observaremos nas relações da protagonista o amor e seus desdobramentos em sua vida. Se no capítulo anterior vimos as questões ligadas ao corpo, vale salientar que estas questões perpassam, em maneiras com maior ou menor intensidade a forma como se desenvolvem seus elos afetivos.

Na vida de Cordélia, os acontecimentos marcantes que a permitiram passar por situações difíceis, podemos ver isso no reflexo do seu corpo, que de acordo com Ana Luiza Amaral destaca: “assim se des-diz se desmonta, se des-nomeia. E se constroem novas imagens do corpo.” (AMARAL, 2003, p. 111). Com isso, as diferentes fases de sua trajetória refletem na construção do seu corpo. A elaboração do seu perfil, a partir da escrita e do que a linguagem possibilita, faz com que a protagonista atravesse várias fases e cada fase se reflita em sentimentos que estão, de algum modo, ligados ao corpo, seja por repressão, medo, esperança ou carinho. Este último, recebido efetivamente da avó e na sua fase final, dos companheiros de rua.

3.2 A relação da protagonista com sua mãe

Em *Romance de Cordélia* (2008), as relações afetivas em torno da protagonista são sempre muito complicadas, principalmente quando diz respeito ao vínculo entre mãe e filha. É importante ressaltar a grande importância dessa relação mãe-filho, para a formação emocional do ser humano. É ao lado da mãe que a criança sente acolhida e protegida. Isso é o que aprendemos e o que a sociedade busca inserir na história da maternidade, é a mãe que mantém a primeira relação afetiva com a criança. É uma fase marcante para a formação emocional, e de extrema importância para o desenvolvimento da identidade feminina tanto da mãe quanto da filha. A partir dessa perspectiva, entre a relação da mãe-filho as inúmeras crises emocionais, muitas das vezes impossibilitam que esse sentimento desenvolva e se concretize durante todos os dias. De acordo com Badinter (1985, p. 281): “a ausência da mãe no lar era causa de males infinitos e notadamente da decomposição da família.”.

Desse modo, é importante enfatizar que desde o início da narrativa podemos perceber a relação atribulada entre Cordélia e sua mãe, que não a aceitava e nem a apoiava em nada. Assim, a protagonista sempre se sentia desapontada e triste com o relacionamento que mantém com mãe. Esse relacionamento conturbado reflete na construção da identidade de Cordélia. O sentimento da mãe Lina, era segundo suas frustrações, era um sentimento

circunstancial. Para Badinter (1985), o sentimento materno pode desenvolver ou não na mulher ao ser torna mãe, deixando explícito que o instinto materno é um mito, assim destaca:

Ao se percorrer a história das atitudes maternas, nasce à convicção de que o instinto materno é um mito. Não encontramos nenhuma conduta universal e necessária da mãe. Ao contrário, constatamos a extrema variabilidade de seus sentimentos, segundo sua cultura, ambições ou frustrações. Como, então, não chegar à conclusão, mesmo que ela pareça cruel, de que o amor materno é apenas um sentimento e, como tal, essencialmente contingente? Esse sentimento pode existir ou não existir; ser e desaparecer. Mostrar-se forte ou frágil. Preferir um filho ou entregar-se a todos. Tudo depende da mãe, de sua história e da História. Não, não há uma lei universal nessa matéria, que escapa ao determinismo natural. O amor materno não é inerente às mulheres. 'É adicional'. (BADINTER, 1985, p. 367)

Pensando a partir desse excerto, percebemos que desde o princípio a maneira de agir da mãe em relação a Cordélia não corresponde ao sentimento maternal, causando sérios problemas na construção da identidade da protagonista. Desde criança, ela enfrentava sérios problemas de relacionamento com a mãe: cresceu no lar sem nenhuma atenção materna, e sua mãe era quem sustentava a casa e quem ditava as ordens para ser desempenhada, a figura paterna era apenas submissa aos costumes de Lina. Podemos destacar uma parte da narrativa que mostra a ausência da figura materna na vida da protagonista e a figura paterna com características de subalternidade, assim a protagonista enfatiza no romance:

Vida, para mim, era aquilo que levava os meus pais para tantas viagens e jantares e saídas à noite, a minha mãe sempre elegantíssima, muito magra, metida nuns vestidos justos, a fumar de boquilha e a chatear o meu pai... Percebi muito cedo que a minha mãe era rica e o meu pai era músico, em público a minha mãe insistia que ele só tocava por carolice de pessoa abastada com direito às suas excentricidades. Mas vi muitas vezes meu pai entregar em casa o dinheiro que ganhava na orquestra sinfónica. A minha mãe aceitava-o com ares superiores e metia-o numa caixa de madeira com embutidos de marfim. (FARIA, 1998, p. 11-12).

São notáveis na figura materna características de superioridade, em relação à filha e ao marido, neste caso analisamos a relação mãe-filha em torno das circunstâncias da vida da mãe, logo na narrativa percebemos que a mãe não aceitava o nome da filha Cordélia, a qual foi registrada pelo seu pai: “a minha mãe tratou-me e ordenou que todos a sua volta me tratassem por Lili.” (FARIA, 1998, p. 12). Assim em concordância com a feminista Simone de Beauvoir (2016, V II, p. 312): “atitude da mãe é definida pelo conjunto de sua situação e pela maneira por que a assume.” A mãe de Cordélia estava sempre a manter as aparências na

sociedade burguesa. O gosto da protagonista por ballet foi outra grande frustração para criança uma vez que a mãe a proibiu de desenvolver o gosto pela dança, e não queria que a filha se ligasse à arte. Por isso, que pensava que o ballet não era exclusividade de crianças bem educada:

A minha mãe, quando ouviu a palavra ballet, temendo que eu tivesse herdado as predisposições artísticas do meu pai e decidisse ser, como ela disse, corista, achou logo que isso não era próprio para uma menina bem educada, se ela me pode ver lá de onde está deve finalmente perceber que a educação burguesa não é tudo e ouvir as pessoas em vez de as contrariar sistematicamente é talvez uma ideia melhor. (FARIA, 1998, p.16-17).

Depois que a mãe de Cordélia, descobriu seu gosto pelo ballet, resolveu humilhar a criança na frente de suas amigas. Muitas vezes, realizava o chá da tarde, seguindo os moldes da sociedade burguesa que para Lina, era essencial manter esse padrão de vida burguesa. Desde modo, em uma tarde na hora do chá com as amigas, ordenou que a filha estivesse com ela:

Foi numa tarde a hora do chá e por causa das discussões sobre o ballet, que a minha mãe me chamou maluca pela segunda vez, agora com absoluta convicção e algum fundamento. Obrigaram-me a lanchar com as visitas, a Lina começou a meter-me a ridículo, a humilhar-me com piadas... (FARIA, 1998, p. 17).

O trecho acima mostra, mais uma vez, como a relação mãe-filha era cheia de discórdias. Esses acontecimentos marcaram a infância de Cordélia. Na fase da adolescência, foram aumentado as discussões entre ela e sua mãe, depois de passar as férias na casa da sua avó como forma de punição, por estar indo contra os costumes da mãe. Ao volta de Alcatruzes “sitio da sua avó paterno”, iniciaram novamente as discussões:

Então a Lina deu-me uma estalada, ainda estás em muito boa idade de apanhares, já vi que a galinheira te virou contra mim e olha que é preciso ter muito sangue plebeu para gostar de miúdos de fricassé. (FARIA, 1998, p.42).

A relação de Lina com a sogra mostra no decorrer da narrativa sérios problemas de ordem social, vemos isso no termo usado para falar da avó da protagonista “galinheira”. A relação entre mãe-filha só piorava ao passar do tempo. Depois de um acidente, Cordélia ficou com uma deficiência em sua perna, isso gerou ainda mais conflito com a mãe, que fazia de tudo para manter as aparências e as críticas só aumentava sobre Cordélia:

A minha mãe, cheia de vergonha de ter uma filha feia, estúpida e agora ainda por cima coxa, tinha feito o possível por manter o acidente ao nível doméstico e tudo o que fosse procurar ajuda e indagar de possíveis tratamentos, era tornar público o que ela tão cuidadosamente tentava esconder. (FARIA, 1998, p.56).

É possível perceber o sentimento de inferioridade que crescia junto a Cordélia. À medida em que o tempo passava, ela se sentia muito mais infeliz, e a relação com a mãe continuava na mesma. Seu pai ficou doente e a doença atingiu seus músculos, e agora Lina se encontrava com dois doentes em casa: “Já é azar, eu, que odeio gente doente, ter que levar não com um, mas com dois inválidos.” (FARIA, 1998, p.59). Então, quando paramos para observar alguns aspectos em relação a Lina, faltar de amor ao próximo, a superioridade, arrogância era sua principal marca de personalidade isso tudo ressaltando na ausência de afeto principalmente quando diz respeito a sua filha.

Outro fato importante é quando Cordélia perde seu pai e se encontra sozinha, a mãe começa a ter crises histéricas. Depois de todo esse relacionamento conturbado com a mãe, Cordélia tenta uma aproximação, e acaba mais uma vez se decepcionando:

Mamã queria muito pedir-lhe desculpas por não ser a filha que mamã sonhou. Por não ser bonita nem elegante nem sociável, por ter gostos plebeus e cabelos crespos, por ser maluca e teimosa e ter partido as pernas com a mania do ballet... O que eu queria dizer é que podíamos dar-nos bem, só nos temos uma à outra e podíamos viver em paz nesta casa, eu estou mais madura com tudo o que me aconteceu, já não quero nem posso ser bailarina, pra o ano talvez volte para o curso de Farmácia... (FARIA, 1998, p.72).

Esse fragmento mostra a busca da protagonista em tentar mudar o vínculo afetivo entre mãe e filha, mas foi inútil essa tentativa, Lina, não suportava a filha e isso demonstrava no seu dia a dia, o desprezo era nítido em suas atitudes. Outro fragmento muito importante que mostra essa relação é quando a própria Lina, compara a relação delas com a água e o azeite:

A mamã não para, não consegue ter uma conversa seguida, não partilha comigo nada do que eu faço, como por exemplo, ver um bom filme como é o caso deste. Essa agora? E por que é que não partilhas, tu as minhas coisas comigo? As minhas preocupações, que são muitas, nem tu imaginas nem queres imaginar. Mas não vale a pena. Fomos sempre como a água e o azeite. (FARIA, 1998, p.76-77).

Quando observamos esse fragmento, notamos a incompatibilidade que existe entre a mãe e a filha. Isso é mostrado logo na expressão utilizada da mãe quando faz uma comparação com o relacionamento delas, assim quando fazemos uma correlação da expressão “Fomos sempre como a água e o azeite”. Sabemos que são duas substâncias que não se combinam e não se misturam. Embora a água e o azeite não se misturem espontaneamente, as duas substâncias são forçadas a cooperar uma com a outra, assim fazemos essa correlação quando analisamos o relacionamento da mãe e filha, Lina era forçada a conviver com Cordélia, aguentando suas manias e gostos que para ela eram plebeus, isso fazia Lina ter ainda muito mais desprezo pela a filha, pois para Lina os moldes burgueses eram essenciais para manter sua aparência com a sociedade, era uma mulher fina cheia de bons costumes, mais sem sentimento, fria quando o assunto era família.

Cordélia era imposta a conviver e crescer no lar sem amor. Ela não conheceu o amor materno, um sentimento puro e delicado, e com isso ressaltou em várias crises de identidade da protagonista. Diante dessas circunstâncias, as vivências da protagonista foram marcadas pela injustiça e falta de amor em relações das pessoas que estavam sempre ao seu convívio. Segundo Badinter: “Queria dizer apenas que uma sociedade que não valoriza um sentimento pode extingui-lo ou sufocá-lo ao ponto de eliminá-lo totalmente em numerosos corações.” (BADINTER, 1985, p.10). Isso mostra a condição da personalidade da protagonista, que foi marcada por várias aflições, infelicidades, injustiças e sofreu várias opressões no seu dia a dia, refletindo no seu psicológico abalado.

3.3 Cordélia e o amor de mãe no amor da avó

A partir da leitura do romance, observamos outro vínculo afetivo importante pra a construção da identidade de Cordélia, seu relacionamento com a sua avó Adelaide. O relacionamento de Cordélia com a sua mãe foi sempre muito difícil, isso explicamos no tópico anterior a ausência do amor materno, a falta de apoio nas situações difíceis causou em Cordélia duras crises de identidade. Perante toda sua trajetória de vida, a protagonista descobriu o sentimento de amor depois que se aproximou da sua avó paterna, devido às discussões com sua mãe, a própria resolveu como forma de castigar a filha a manda de férias para o sítio da avó:

Era-lhe impossível conceber castigo mais horrível do que três meses entre o fedor da criação, a apanhar ovos sujos de cocó de galinha, a comer sopas de pão e miúdos de fricassé. A suprema sentença foi mandar-me passar as férias grandes para a casa da minha avó Adelaide. (FARIA, 1998, p.21).

Foi diante dessa situação que Cordélia teve a felicidade de conviver com a avó durante esses três meses. O seu pai a levou para o sítio como ordem da esposa todos conheceram Cordélia por Lili pelo simples fato da mãe não aceitar o nome, logo ao chegar à casa da avó Cordélia foi chamada pela primeira vez pelo seu nome verdadeiro, isso a deixou feliz e sua avó também fez vários elogios ao seu respeito:

Cá em casa vais ser Cordélia, vá lá Délia, menos que isso, não. A minha avó Adelaide foi a primeira pessoa a dizer que eu era bonita, adorei-a naquele preciso instante, vi nela uma aliada e dispus-me a agradar-lhe de todas as maneiras ai meu alcance. (FARIA, 1998, p.26).

Podemos notar então, o sentimento de maternagem que nascia durante os dias de convivência entre a avó e sua neta. Cordélia se sentia acolhida, amada, respeitada, o sítio era representado para ela como um lugar onde se esquecia de tudo, e encontrava a proteção que sempre almejou para sua vida a paz que sempre procurou se encontrava no pequeno sítio de Alcatruzes. Em concordância com Badinter, entende-se sobre o ato de maternar:

Quanto a mim, estou convencida de que o amor materno existe desde a origem dos tempos, mas não penso que exista necessariamente em todas as mulheres, nem mesmo que a espécie só sobreviva graças a ele. Primeiro qualquer pessoa que não a mãe (o pai, a ama, etc.) pode "maternar" uma criança. (BADINTER, 1985, p.17).

O ato de maternagem pode desenvolver em qualquer pessoa que não seja a mãe biológica. Nesse caso em relação à Cordélia sua avó desenvolveu sobre ela os cuidados próprios da verdadeira mãe, a única coisa que liga Lina a Cordélia é o laço biológico parentesco a condição física, gerar, gestar e parir é maternidade isso encontramos em Lina "mãe biológica", já o laço apresentado pela avó sobre Cordélia possui virtudes de cuidar, amar, proteger, doar, ensinar essas características é exclusiva da maternagem.

Nessa ligação afetiva entre Cordélia e sua avó, podemos notar na maneira que a avó recebeu a neta. Toda aquela preparação, o quarto foi ornamentado com flores, representando o amor, o sentimento maternal pela neta e a protagonista cada vez mais se sentia amparada na casa da avó: "O meu quarto era lindo, com uma cama de ferro pintada de azul e com um florão de purpurina na cabeceira que representava uma cesta cheia de rosas." (FARIA, 1998,

p.27). A imagem negativa que a Lina (mãe), falava a Cordélia sobre sua avó sempre deixava pensando muita coisa, mais depois de ir para o sítio como forma de castigo, a protagonista percebeu que tudo não passava de mentiras que sua mãe inventava a respeito da sua avó paterna:

Não demorei a perceber que a minha avó era uma artista, com um bom gosto incrível, e que aquela imagem que a minha mãe tinha tentado impingir-me, de uma campónia suada a cheirar a esterco e a gritar palavrões às galinhas, era só mais uma das suas maldades. (FARIA, 1998, p.29).

As férias na casa da avó cada vez mais se tornavam inesquecíveis, o vínculo afetivo só aumentava. Outra parte importante na narrativa é quando a avó de Cordélia começa a contar a história do nome que seu pai escolheu para ela. O seu avó, juntamente como seu pai, também fazia parte do teatro amador de Alcatruzes. Com o papel do Rei Lear³, ele conseguiu alcançar seu tão sonhado prémio no teatro amador, era devido a esse amor pelo teatro que seu pai escolheu esse nome e traz para ele grandes recordações memoráveis, como podemos notar no trecho a seguir da narrativa:

O meu avó foi também o impulsionador do Teatro Amador de Alcatruzes, que chegou a ganhar uma menção honrosa no concurso promovido pelo S.N.I. O meu pai teve o seu lugar no elenco desde muito cedo, e já quando estudava em Lisboa, não deixava nas férias de fazer sua perninha e foi precisamente no ano em que substituiu o pai no papel de rei Lear que obtiveram o almejado prémio. Pela primeira vez fiquei contente por me chamar Cordélia. A minha avó ainda guardava a peça e deu-ma a ler, já que o meu inglês era insuficiente pra entender Shakespeare no original. (FARIA, 1998, p.31-32).

Outra parte da narrativa marcante, com relação ao sentimento de maternagem da avó Adelaide, em relação a Cordélia, foi na primeira quinta-feira que passaram juntas. A preparação do pão que simboliza a renovação o sagrado. Assim, a avó faz toda uma cerimônia religiosa para a preparação do pão:

A avó Adelaide tinha deixado o alguidar da farinha preparado de véspera e a medida certa de fermento, água e sal. Ao mesmo tempo que ia amassando, ia rezando uma ladainha entremeada de sonetos de Florbela Espanca e quadras populares, explicou-me que a poesia é certamente uma forma de oração, porque é preciso ser abençoado para escrevê-la... A minha ajuda entrou na hora de moldar os pães. A minha avó ensinou-me a meter as mãos na farinha e a pegar na massa com leveza, a pensar que Jesus escolheu o pão para representar o seu sagrado corpo e de súbito aquela cozinha, na primeira luz da manhã, tornou-se num lugar indizivelmente místico, não tagarelávamos,

³ É uma tragédia teatral de William Shakespeare: Lear, o idoso rei da Bretanha decide dividir o reino entre suas três filhas, uma delas era a sua favorita que se chamava Cordélia, por esse motivo especial, Altino Gaspar, pai da protagonista em análise, escolheu esse nome para a filha.

não ríamos, era com um enorme respeito que colocávamos os pães no tabuleiro e então a minha avó fez com o cutelo de mão uma cruz na massa macia de cada um, abençoou-os e disse um Pai-Nosso enquanto os metia no forno sobre a carqueja que crepitava... Depois sentou-se, serviu-nos café, fez o sinal da cruz e esperou. (FARIA, 1998, p.33-34).

A partir desse exceto, confirmamos as características da maternagem presente na relação da avó e a neta. O ato de prepara o pão e consagra simboliza um alimento para o corpo, principalmente, representa um alimento espiritual e, por isso, o pão simboliza a vida, o amor à prosperidade, a humildade, com isso Cordélia apreciava um mundo diferente do que vivia com a sua mãe, onde os bons sentimentos sempre estiveram presentes na sua rotina diária, se tornaram momentos especiais que ficaram presentes na memória de Cordélia até o último dia da sua vida. Os acontecimentos cruéis que acabaram levando Cordélia presa não fez com que ela esquecesse as férias da casa da sua avó. Desse modo a protagonista relata em suas noites de insônias na prisão:

Foi bom ter-me lembrado hoje, com tanto pormenor, das férias na minha avó Adelaide. Uma ótima companhia para a minha insônia. Não encontro, em todo meu passado, recordação mais agradável. (FARIA, 1998, p.33-34).

Em suma, a narrativa mostra essa relação de forma admirável, o ato de maternar alguém que não foi gerada no seu ventre é algo nobre, só quem é dono de um coração puro conseguir florescer esse sentimento de maternagem, e foi a partir da avó Adelaide, que fez com que Cordélia vivenciasse esse sentimento nobre na sua vida, uma fase inesquecível e muito importante para a vida da protagonista.

3.4 A submissão à mãe espelhada na prima

A construção da identidade feminina da protagonista sempre esteve relacionada às suas relações sociais. Assim, podemos destacar a aproximação de uma prima distante que até então Cordélia não conhecia, chamada Berta: “A Berta era neta de um falecido primo do meu avô e disseram-me que era minha prima. Mas na realidade não era.” (FARIA, 1998, p.49). Foi a partir desse momento que a protagonista passou a conhece a Berta. Veio então o convite do casamento da prima, depois do acidente que ficou com uma deficiência na perna. Isso abalou mais uma vez com o seu psicológico, querendo ficar sozinha, se tornando antissocial;

mesmo assim Cordélia resolveu ir ao casamento. Diante desses acontecimentos veio a aproximação com a prima.

A amizade entre Cordélia e Berta cada vez estava se tornando algo importante para a protagonista. Sempre sozinha, sem ninguém para compartilhar suas alegrias e tristezas encontrou em Berta tudo isso, a única pessoa que podia contar pedir ajuda quando precisa, assim depois do relacionamento que deixou marcas profundas na vida da protagonista, descobriu que estava grávida e veio às inúmeras consequências que acabou Cordélia cometendo um aborto, e assim a principal conselheira para isso aconteceu foi a Berta:

Sem saída e sem querer pôr no mundo mais uma criança infeliz, que outra coisa não podia ser um filho meu, pedi à Berta o telefone da parteira e fiz a marcação... Se a Berta não tivesse acompanhado tinha fugido dali... (FARIA, 1998, p.87).

A partir desse ocorrido, a sua ligação com a prima só aumentava Cordélia encontrava em Berta apoio sempre que precisasse. Esse vínculo foi tão forte que a carência e a ingenuidade da protagonista a fez criar uma imagem admirável da prima. Com isso, ela fez a escolha de mora com Berta, pois o relacionamento com sua mãe só se agravavam depois da morte do seu pai: “A Berta recebeu-me como se fosse à filha pródiga.” (FARIA, 1998, p.93).

Cordélia cada vez mais estava aparentada com a prima, de princípio o relacionamento estava muito bom, mas com o passar dos anos tudo tinha que seguir tudo segundo as vontades de Berta, e ninguém podia contrariá-la diante de suas escolhas. Cordélia se encontrava vivendo conforme os gostos da prima e por ser uma pessoa inocente sem maldade no coração, aceitava tudo que Berta opôs, pois Cordélia tinha um comprometimento, era agradecida por tudo que a prima já fez por ela nos momentos que mais precisava. Com isso, Cordélia passou a prestar serviços domésticos na casa da prima: “Em casa da Berta a minha prestação doméstica era já um dado adquirido.” (FARIA, 1998, p.107).

Essa relação começou a passar por sérios problemas, pois Berta começou a mostrar quem realmente é e Cordélia já estava muito envolvida com tudo o que diz respeito à prima. As discussões, as humilhações em torno da protagonista eram constantes. A Berta mandava em tudo e fazia Cordélia de criada sua e sempre lembrava, tudo que já tinha feito por Cordélia. Ao longo dos dias, a situação só piorava, a prima devido à separação do marido estava passando por crises econômicas e decidiu mora na casa que Cordélia tinha herdado dos seus pais, a como sempre todos aceitaram a casa se tornou um restaurante depois um bordel: “De restaurante para boas famílias o Chão da Berta foi-se transformando em casa de alterne e de casa de alterne para casa de putas...” (FARIA, 1998, p.125).

Foi a partir desses acontecimentos, que a levaram a ser vítima de um crime que não cometeu. Notamos, a grande injustiça que Cordélia passou depois do envolvimento com a prima, tudo foi direcionado para deixar Cordélia na pior o acolhimento nos momentos difíceis, o apoio, fizeram Cordélia acreditar que Berta era uma pessoa boa, foi tudo uma grande mentira, tudo tinha um preço a ser pago e quem foi prejudicada nisso tudo foi Cordélia. Depois de tudo ela percebeu que a prima nunca foi quem ela acreditava, a casa passou a ser um bordel, e a comercializar drogas através da ajuda da Berta que estava envolvida com grupos de traficantes, logo percebeu que Cordélia era contra tudo isso e resolveu tramar um crime que pudesse colocar Cordélia pressa. E foi assim que aconteceu Berta assassinou “Doutor Filipe” e colocou a culpa em Cordélia, em suas noites de insônia da prisão recordou: “Não quis atardar-me nas recordações do julgamento onde, muito pior que a sentença, foi ter ouvido os depoimentos mentirosos e injustos de pessoas em quem confiava.” (FARIA, 1998, p.157).

Observemos que o envolvimento com a prima ocasionou todo o sofrimento vivido pela protagonista, de início percebemos o sentimento de gratidão o cuidado de não afligir Berta, tudo isso refletia nas atitudes de Cordélia. Assim o sentimento de reconhecimento não permitia Cordélia percebe que a prima escondia sua verdadeira face, engando a protagonista e fazendo-a perceber que sua intenção era sempre ajudar em tudo que precisar. Cordélia por se trata de uma pessoa carente, acabou permitindo que isso ocorresse.

Deste modo, essa relação marcou de uma forma negativa a vida de Cordélia, pois ela confiava demais no próximo, e pensava que todos possuíssem qualidades dignas de pessoas humanas. Isso reflete na sua condição de vida, na construção da identidade, o medo e a insegurança fizeram presente até o ultimo dia de vida. Diante isso a protagonista ressaltar: “Depois de tudo o que me aconteceu, da horrível injustiça que me trouxe aqui, deixei completamente de acreditar. Em Deus, na humanidade e em mim.” (FARIA, 1998, p.35).

3.5 Cordélia e a maternidade fraternal com os moradores de rua

Diante de todos os fatos vivenciados pela protagonista, as relações a sua volta definem sua identidade. Sua infância marcada pelo desprezo da mãe, as fatalidades que ocorreram depois da aproximação com Berta, as adversidades em relação à prima, a acusação falsa em relação ao assassinato, as injustiças, a prisão, a vida como moradora de rua, a falta de sorte ou

as escolhas erradas fizeram Cordélia passar por todos esses infortúnios. Fora da prisão a falta de ressocialização acabou levando Cordélia a morar na rua:

Não acreditava no que estava acontecer. Comecei a andar à deriva pelas ruas, a princípio meio-estonteada, depois a medida que o dia passava, com a cabeça a trabalhar febrilmente na procura de uma solução.” (FARIA, 1998, p.187).

Durante suas noites na rua, conheceu um velho chamando Linhaças, “explicou-me, no humilde espetáculo dos seus movimentos, quem eu era quem eu iria ser daquele dia em diante”. (FARIA, 1998, p.189). Tornaram-se amigos e em suas poucas conversas antes da sua morte, humildemente, explicou a Cordélia as inúmeras dificuldades que iria enfrentar como moradora de rua: “Isto é mau. É muito mau. Mais a gente habitua-se” (FARIA, 1998, p.190). O pobre velho falou isso expressando uma tristeza profunda como forma de consolação para a protagonista.

Mas mesmo assim, Cordélia era dona de um coração puro e generoso. No meio das dificuldades de um morador de rua enfrentar, começou a ajudar todos que se encontravam na mesma situação que ela. Com a ajuda de alguns amigos, isso fez Cordélia encontrar uma razão para viver.

E foi a partir de mais um momento tão difícil na vida da protagonista que nasceu em seu nobre coração, já tão machucado, o desejo de ajudar aqueles que se encontravam na mesma situação que ela. E com pouca fé mais com uma grande vontade de ajudar o próximo, a protagonista prometeu a ela e a Deus:

Vinha-me à memória estas frases esquecidas, Deus lhe pague, Deus não permita, se Deus quiser. A palavra Deus passou a ocupar grande espaço na minha modesta linguagem. E decidi que, se conseguisse o meu objetivo e ia conseguir, entregar a malga de comida aos despojados da sorte com a única frase: em nome de Deus. (FARIA, 1998, p.204).

Começou a sua jornada em ajudar aqueles que mais necessitavam, os dias foram passando e Cordélia percebeu que sozinha seria impossível, devido às suas limitações físicas, carregar mais de dois baldes cheios de sopa. Assim, entregou mais uma vez nas mãos de Deus a situação:

Voltei às escadas da igreja e consegui mais dinheiro, mas pus-me a pensar que não podia carregar com mais de dois baldes que, cheios, pesavam bastante, mesmo assim já era preciso deixar os meus haveres abandonados lá no canto da rua onde eu morava, à falta de solução entreguei nas mãos de

Deus, ele tomou conta, nunca me desapareceu nada. (FARIA, 1998, p.206-207).

A chegada de Ana Flor, “ela era toxicodependente.” (FARIA, 1998, p.207). Com uma grande vontade de mudar seu destino, observava Cordélia uma simples moradora de rua, ajudando os que mais precisavam e isso tocou seu coração e “compreendera que a única salvação era sentir-se útil e vinha oferecer-se para me ajudar” (FARIA, 1998, p.207). E Cordélia, feliz, ressaltou que “era o presente que me faltava.” (FARIA, 1998, p.207). Ana Flor passou a ser o braço direito de Cordélia nessa incansável caminhada “Ana Flor era preciosa, passou a ser o meu braço direito. Descompunha os corações empedernidos e sabia consolar os aflitos.” (FARIA, 1998, p.208).

Diante dessa atitude, os números de baldes só aumentavam e outras ajudas chegaram para contribuir com esse ato tão solidário e humano: “Chamo-me Paulinho, sou homossexual e soropositivo”. (FARIA, 1998, p.204). E expôs sua ajuda:

Ouvi falar de ti e venho ajudar-te, isto é, se aceitares uma bicha cheia de sida até aos ossos, adorei quando me disseram que eras coxa e caridosa e te chamavam a Concha dos Pobres. (FARIA, 1998, p.204).

O companheirismo era notório entrem eles, dispuseram a caminhar juntos em favor daqueles que mais carecia:

Eu entregava a refeição de dizia, em nome de Deus. Ana Flor continua a dizer, em nome de Deus. Cada um dos meninos diz, em nome de Deus. E o Paulinho, que andou no seminário e adora latim, entoa: *in nomine Dei*. [...] Formávamos um grupo brechtiano, a mendiga, a drogada, o doente terminal, os meninos sem mãe, levando em procissão baldes de sopa, sacos a abarrotar de tigelas chocalhantes, pelas ruas inconfessáveis da noite. (FARIA, 1998, p.212).

Nessa incansável caminhada, a protagonista depois de tudo que já havia passado, encontrou a paz que tanto almejava em toda sua vida. Encontrou a felicidade mesmo passando por extrema pobreza enfrentando situações deploráveis para sobreviver. Expressa-se através de suas atitudes um desejo de se doar em benefício ao próximo, pois ajudar ao próximo lhe permitiu desenvolver sentimentos nobres de doação, amor e fé. Infelizmente, devido sua condição física, acabou adoecendo gravemente e foi levada para um hospital:

Já não tinha papéis. Tinham-me roubado um dia a malinha de mão que me dava à ilusão de ainda parecer uma senhora, fiquei mais pobre ainda, sem senhoria nem identidade, isso já acontecera há muito tempo, mias tarde

tinha-me fato de rir com a perda daquele último vínculo à sociedade estabelecida. (FARIA, 1998, p.212-213).

Diante dessas dificuldades, Cordélia se encontrava nos últimos dias de vida, não aceitava ajuda de ninguém os seus amigos ainda tentaram mais ela recusou toda ajuda posta. Assim diante da sua trajetória de vida desafortunada ressaltou:

Somando tudo o que lembrei nas minhas insônias da prisão e o que o que acabo de reviver aqui, esta foi à história da minha vida, a minha caminha, o meu *Romance de Cordélia*. Hoje sei que fui eu que a escolhi. (FARIA, 1998, p.216-217).

As recordações estiveram presentes em todos os dias de vida da protagonista até no momento solene da sua morte. Assim, a protagonista tenta compreender através das suas recordações o porquê de tantos acontecimentos infelizes durante toda sua trajetória de vida e que deixaram profundas marcas abalando seu psicológico, em suas recordações sempre buscou questionar as próprias escolhas, mesmo assim seu destino já havia sido traçado e seu final era o mesmo independente das escolhas feitas:

Mas sei que, qual fosse a minha escolha, num dado momento da minha vida, em qualquer lugar do mundo, Jesus me bateria levemente no ombro e me estenderia a minha malga de sopa. Acabaria neste mesmo canto de rua, a mobilizar boas vontades, a dar de comer a quem tem fome, a motivar os deserdados a erguerem-se à sua dignidade de filhos de Deus. Eu estaria aqui, neste momento solene da minha morte, fossem quais fossem as escolhas que o meu livro arbítrio me tivesse ditado. Agora que compreendi isso, sinto-me preparada. (FARIA, 1998, p.217).

Por meio do discurso feito pela protagonista no momento da sua morte, percebemos a presença de sentimentos nobres, de compreensão de superação depois de tudo que já havia passado, das injustiças, das decepções em todos os sentidos da sua vida diante de tudo isso ainda conseguiu forças para ajudar os necessitados. Em um mundo cheio de desigualdades, Cordélia se destaca pelo seu enorme coração puro e nobre, tinha prontidão de espírito para servir, acolher, florescendo em seu coração a maternidade fraternal com os moradores de rua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho realizamos o estudo sobre a maternidade *versus* o mito do amor materno, diante dessas breves reflexões em concordância com os pressupostos que Elisabeth Badinter (1985), em que ressalta que todo sentimento que envolve a maternidade é incerto e frágil. Desse modo, a condição da mulher diante da maternidade reflete diretamente na construção da sua identidade feminina. Através das suas escolhas de ser ou não ser mãe, seguir os moldes da sociedade ou seguir seus próprios desejos.

A partir do estudo da obra em análise, *Romance de Cordélia* (2008), condicionamos nossa pesquisa em uma reflexão à maternidade em relação com as questões de corporalidade sobre a perspectiva da vivência da protagonista Cordélia, as situações vividas no decorrer de sua trajetória de vida geram, como consequência das várias formas de dominação que sofre um corpo violentado, subalterno e disciplinado. Diante dessa reflexão do corpo realizamos através dos estudos de Elódia Xavier (2007) que tratam das questões de gênero ligadas ao corpo feminino, onde buscamos mostrar as questões de corpo em sua concretude histórica.

Relacionamos as fases da vida da protagonista em relação com o seu corpo, os acontecimentos da vida de Cordélia que mostram características relacionadas ao reflexo do seu corpo. Diante desse estudo, mostramos a importância da questão do corpo no universo feminino e seu destaque nas obras literárias, envolvendo sempre questões que mostra a condição da mulher que refletem no seu corpo, tudo isso é possível através de um viés da literatura e história.

A personagem feminina Cordélia, mesmo com tantas frustrações, teve sua redenção, criando um sentimento maternal por aqueles moradores de rua, não refletindo negativamente a experiência com sua mãe biológica, mas refletindo o que ela aprendeu com a relação com a avó isso mostra nas últimas partes do romance em que a personagem cria um laço fraternal com os moradores de rua.

Todos esses apontamentos que fizemos nessa pesquisa servem de reflexão para pensarmos na construção da identidade feminina segundo seus próprios desejos, que ainda passa por inúmeras dificuldades. Segundo o conceito de corporalidade, nota-se, que, para a crítica feminista o corpo é uma construção cultural que serviu como espaço de aprisionamento e exclusão da mulher da nossa sociedade, assim, as relações em torno da protagonista nos fizeram analisar todas essas questões que envolvem a mulher e a história diante do romance estudado.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Ana Luísa. *Do centro e da margem: escrita do corpo em escritas de mulheres*. In: *Cadernos de literatura comparada* 8/9. Porto: Granito, 2003.

BADINTER, Elisabeth. *Um Amor conquistado: o mito do amor materno*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BEAUVOIR, Simone de: *O Segundo Sexo: fatos e mitos*. Tradução Sérgio Milliet. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BEAUVOIR, Simone de: *O Segundo Sexo: a experiência vivida*, v.2. Tradução Sérgio Milliet. 3. Ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

FARIA, Rosa Lobato de. *O Romance de Cordélia*. 5. ed. Portugal: Editora ASA, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FRANK, Arthur W. For a sociology of the body: an analytical review In: FEATHERSTONE, Mike et alii (ed). *The Body. Social Process and Cultural Theory*. London: Sage Publication, 1996.

GROSZ, Elizabeth. *Corpos reconfigurados*. *Cadernos Pagu* (14). Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2000, p. 45-86.

PERROT, Michelle. Mulheres. In: *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Tradução Denise Botmam. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1988.

_____. O corpo. In: *Minha historia das mulheres*. 1. Ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2008.

XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007. 208 p.